

birolito

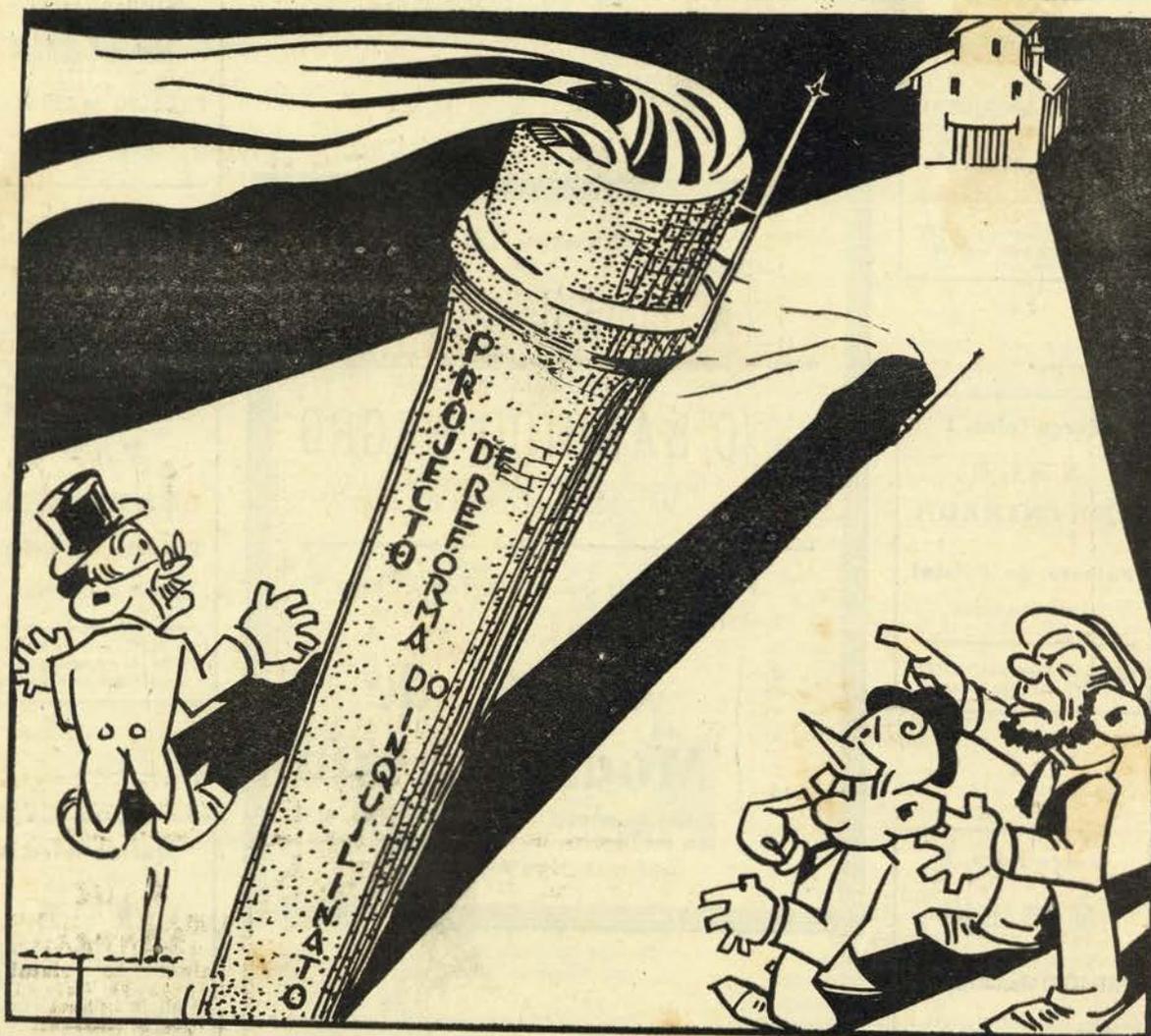
bate que bate

ANO I - NUM. 45

Sabado, 28 de Novembro-1931

1 ESCUDO

NÃO LHE BULAS MADALENA!...



O SENHORIO:—Só vejo fumo!

O ZE:—Pois eu vejo um grande canudo!

Palacio

Terça--A Dama das Camélias e Bandido Negro
Quinta--O Conde Monte Cristo

CINEMA DE BORLA

A Dama das Camélias, Bandido Negro e Conde de Monte Cristo

Esta semana teremos duas obras admiráveis de Dumas Pai e Dumas Filho no Palácio, duas seções que vão registrar, certamente, duas admiráveis enchentes.

A primeira é A DAMA DAS CAMELIAS, formidável realização de Norma Talmadge e Gilbert Roland, versão do grande Dumas, Filho. A segunda é O CONDE MONTE CRISTO, que damos em reprise, pois da primeira exibição muitos espectadores ficaram na rua.

Devemos frisar que esta semana a sessão de sexta-feira se realiza **na quinta**, não havendo **espectaculo na sexta**.

Terça-feira, 1

Vale uma entrada

PALACIO de CRISTAL

A's 21 1/4 horas

Oferta do "Sporting" e "Pirrolito" aos seus leitores

Terça-feira, 1

VALE
UMA ENTRADA

Palacio de Cristal

A's 21 1/4 horas

Oferta do "Sporting" e "Pirrolito" aos seus leitores

Terça-feira, 1

Vale uma entrada

PALACIO de CRISTAL

A's 21 1/4 horas

Oferta do "Sporting" e "Pirrolito" aos seus leitores

Quinta-feira, 3

Vale uma entrada

PALACIO de CRISTAL

A's 21 1/4 horas

Oferta do "Sporting" e "Pirrolito" aos seus leitores

Programa de terça-feira, 1, ás 21 horas

1—Documentario

2—
a } A Dama das Camélias

11—
Formidável realização de NORMA TALMADGE
e GILBERT ROLAND

12—
a } O BANDIDO NEGRO

17—
Impressionante film de aventuras de LEO
MALONEY e EUGENIA GILBERT

PROGRAMA de Quinta-feira, 3, ás 21 horas

1—Porto Alexandre

2—
a } Conde de
18—
Monte Cristo

Versão do grande romance de DUMAS, PAI
com Lil Dagover, Mary Glory, Gaston Modot e
Jean Angelo

Quinta-feira, 3

VALE

UMA ENTRADA

Palacio de Cristal

A's 21 1/4 horas

Oferta do "Sporting" e "Pirrolito" aos seus leitores

Quinta-feira, 3

VALE

UMA ENTRADA

Palacio de Cristal

A's 21 1/4 horas

Oferta do "Sporting" e "Pirrolito" aos seus leitores

Dirigido por
Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa
 Propriedade e Edição de Oliveira Valença
 REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA
 Cancela Velha, 39 — PORTO
 Telefone, 1058



PUBLICAÇÕES



ASSINATURA	
12 numeros	Esc. 11\$00
24 »	» 21\$00
Ano	» 40\$00
Colónias (ano)	» 50\$00
Brasil »	» 60\$00

Pirolitos

Num dia desta semana aglomerou-se uma enorme multidão, dalguns milhares de pessoas, no alto da Avenida dos Aliados.

O que se passaria? O que teria acontecido?

O que aconteceu foi um caso de veras sensacional que fez abrir a boca de espanto, de admiração, de assombro àquela imensa móle de povo.

Calculem os nossos leitores que foi colocada na fachada do edificio da nova Camara, mais uma pedrinha ahi duns cinco ou seis centímetros d'altura.

O facto surpreendeu toda a gente, pois ha mais de dois anos que tal caso não acontecia!...

Afinal de contas,—e ainda bem, louvado Deus!—não ha guerra nenhuma entre a China e o Japão.

A Sociedade das Nações conseguiu evitar a declaração de guerra entre os dois povos amarelos, que se entreteem diariamente a brincar ás metralhadoras, fusilando e matando, inofensivamente, com pistoões, canhões e aviões.

Matam-se por lá uns aos outros, morrem centenas de pessoas, lá isso é verdade,—mas com seiscentos diabos!—ao menos evita-se a guerra!

Muito devem os povos á Sociedade das Nações...

Uma leitora, confiada na proverbial erudição das gentes do «Pirolito», pergunta-nos o que é o «mal-rubro» que ataca os porcos.

Como vosselencia vé, facilmente pelas suas proprias palavras, é uma porcaria vermelha...

PIROLITO NÃO SE EMPRESTA, VENDE-SE.

Beijos do mal

*Nasceu comigo o geito de beijar
 E nem por isso estou mais descontente,
 Porque, afinal, um beijo é me indiferente;
 — Um gesto apenas, simples e vulgar.*

*Porém não sou também tão inocente
 Que fuja da razão de acreditar
 Que muitos desses gestos, por azar,
 Têm sido a perdição de muita gente.*

*Mas os que vêm ao mundo por maldade
 Fê-los o Demo, que em remota idade
 De entrar no paraizo teve o ensejo,*

*E ao ver a boca tentadora de Eva,
 Malicioso, o Principe da Treva
 Deu-lhe a peçonha no primeiro beijo*

GRAND-PETIT

BLOCO

S. R.



*E' Sales sem ser Francisco,
 E' ribeiro sem ser rio.
 Não é regato nem santo,
 Mas tenor cheio de brio.*

*Representa e canta bem,
 Da Arte é servo submisso.
 — Com respeito ás outras coisas,
 Ninguém tem nada com isso...*

g a z o z a

O parlamento espanhol aligeirou a pena a que condenou Afonso XIII. Já o não mata dez vezes, conforme tinha premeditado, e apenas, o condena a trabalhos forçados e á confiscação dos bens. São boas pessoas. O que valeu ao ex-rei foi a defeza que dele fez o ginja do Romanones...

Já é preciso topêtel!
 Esta do senhor conde, faz-nos lembrar um covheiro que tentasse ressuscitar o cadaver do homem que ajudou a matar!

Iam casar-se. Mas, ao chegarem á porta principal da igreja, viram duas estacas espetadas e encimadas por duas grandes cabeças de carneiro...

Espavorido, o noivo esquece-se da noiva, e foge—foge para nunca mais...
 ...Isto vem nos jornais e passou-se em Arrancada do Vouga. Em Ramalde seria a mesma coisa. Ha nomes predestinados...

—Cá por mim, gosto muito mais do Molêdo... A sua paisagem fascina-me!

—Já vejo que é romantico, senhor Borges!

—Não, minha senhora: Sou sifilitico...

Reflexão dum cinéfilo encantador:
 —Não desejar a mulher do seu proximo... E se fôr o homem?

Duma poetisa:
 O Amor é ave doirada
 que canta de madrugada...
 E é nessa altura que, segundo dizem os medicos, o seu cantar é mais higiênico...

LER A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Sporting



«Alexandre o Grande»

Este Alexandre, o Grande, o maior de todos, pai do Mata-piôlhos e do fura-bolos, era natural de Valongo, como todos os Grandes de que reza a historia.

Rei da Macedonia, país onde vivem os Macêdos, o nosso Alexandre subiu no trôno no ano 336, antes de Jesus Cristo, e, depois de instalado na cadeira da realza, entreteve-se a brincar ás batalhas, quando ellas ainda não tinham nem o D. Pedro V nem o correio geral.

Submeteu os gregos que se viram gregos com ele; atravessou o Hellespont (onde diabo ficará isto?) conquistou o Egipto com as piramides, a esfinge e os camelos; bateu os tapetes, persas—e, aproveitando a carreira da camionete Deserto-Cairo, aportou á Babilonia da qual se apoderou na companhia de todos os macedos que levava na sua comitiva.

Apezar de toda a sua grandêsa, o preclaro Alexandre reconheceu a sua pequenês, ao batêr-se com a morte, que o atirou para o outro mundo com uma febre aguda, como se se tratasse de qualquer amanuense ou vendedor de jornaes.

Tinha 33 anos, apenas, quando faleceu. Calculem a que tamanho chegaria o Grande se consegue vivêr meio seculo, pelo menos!

Deixou descendencia notavel o guerreiro rei da Macedonia, cortador do celebre nó gordio e doutros nós e nózes a 3 escudos o quilo.

Entre os seus mais illustres descendentes, contam-se:—Alexandre d'Almeida, rei dos Hoteleiros; Alexandre d'Azedo, conhecido actor; e o popular Alexandre Lavrador, nosso velho amigo que por modestia nunca nos falou no seu famigerado ascendente.

VISADO PELA

COMISSÃO

DE CENSURA

Ai Laife!

Leos da Sociedade

Aniversario lutozo

Passou ontem o setimo aniversario do falecimento do illustre matematico Tres Vezes Nove Vinte Sete, lente do Instituto Noves Fóra Nada, onde regia a cadeira de pinho com assento de palhinha.

A viuva lembrando a festejada data ofereceu em sua casa um lauto banquete, magnificamente servido pela acreditada confeitaria Alberto Pereira, tendo-se á sobrezeza levantado diversos brindes á saude do saudoso matematico, que veio expressamente da Fabrica de tijolo assistir á festa em sua honra.

Chegada

Regressou na quinta-feira ao Porto, vindo no «Sud Vagonêta S. Pedro da Cova», o considerado industrial Mastiga Nabos com Grêlos, director da Fabrica de Conservas Vegetariana «Molho de Bróculos».

O reputado industrial que tinha passado a estação calmosa na estação de Rio Tinto, ao chegar á estação de Campanhã, onde vem passar a estação invernosa—foi alvo duma significativa manifestação terciaria sifilitica por parte dos enfermeiros do Guêlas de Pau, que se faziam acompanhar pela Banda Mercurial do Cianêto de Nadezas de Cima.

Quando a vagonêta entrou nas agulhas e nos alfinêtas da estação, a supracitada Banda executou a Marcha do «914» em ampolas de 45 e 90 centigramas.

A noite iluminaram os edificios publicos e privados.

Baile elegante

No opulento palacio dos Marquezes das Tripas Enfarinhadas, realisou-se no sabado passado uma encantadora festa, comemorando o segundo aniversario da descoberta do sôro anti-rabico pelo celebre Doutor Carlinhos da Sé.

Depois duma conferencia sobre a «Profilaxia e os dêdos dos Pés Descalços com peugas de pneus Ford», feita pelo abalísado clinico Foge que te Mato

MAGISTER DIXIT

Os nossos leitores e leitoras curiosos não cessam de nos fusilar com perguntas. Gostosamente vamos responder, hoje, ás que seguem,—pedindo vênia para deixar para a semana as dos senhores Tri-cas, Dona W, Manas Nunes, Primo Isidoro—etc.

❶ «Que diferença ha entre «beijo», e «chôcho»? (Madame Z).

Eu dera um «beijo» á sobrinha. A tia um «chôcho» pedia. Um «beijo» é qual andorinha... Um «chôcho» é c'ruja que pia!... A' tia não dei mais trêla... escapei do «chôcho» dela!...

❷ «Porque é que as sentinelas são todas rendidas?»—(Inhóspito).

Respondo,—embora o remorso me perpassse bem no centro:—Porque fazem muito esforço quando gritam «Guarda dentro!»

❸ «Porque é que chamam «amorfos» a certos maridos?»—(Dona Bicha)

A' pergunta, Dona Bicha, respondo com brevidade:—Porque acendem só na lixa da sua cara metade!

FREI-SATAN

da Silva,—deu-se principio ao suntuoso baile á Luiz XV, no salão verde tinto engarrafado com lambris de iscas de fígado e reposteiros de bacalhau crú com pimentos.

O baile decorreu animadissimo, tendo feito um grandioso successo M.elle Sedlitz e Mr. Sulfate na provocadora dança do Ventre.

Partida

Partiu ontem pelo terço inferior a perna esquerda do nosso comum amigo Gregorio da Costa, habil ponta-esquerda do Onze, Doze, Treze e Catorze da Povoá de Cima.

A' partida da perna do Gregorio assistiram todas as associações desportivas com um laço preto nos calcanhares, em sinal de regozijo.

FIXE BEM

na Rua de Santa Catarina, 217

é, e sempre foi a CASA TOMAZ CARDOSO com deposito de cofres, fogões, camas, colchãoaria, trens de cozinha, etc.

--VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES--



O BUFO de Santa Catarina

A tragédia da desapareição do bicho

Como? Quando? Porquê?

—Desapareceu o Bufo de Santa Catarina!

Ao ouvir este tenebroso grito de alarme, todo o Porto se ergueu, como um só homem, e correu a verificar se o lindo bicho ainda se encontrava ali, no local do costume, ou se não profana o arrancara da vitrine, encanto desse chorriho de pequenos e grandes que todos os dias estacionava em frente do estabelecimento.

Horror! Três vezes horror! O Bufo já lá não estava!

Confirmada a desoladora noticia pelos «placards» dos nossos colegas diários, o terror apoderou-se de toda a gente que ama as belezas da nossa terra e tudo o que pode chamar o «touriste».

—Tinha desaparecido o Bufo!

O nosso querido e velho amigo dr. José da Silva (Severiano) mandou suspender até ulterior resolução, a circulação fiduciaria dos electricos 10, 11, 12 e 17. As varonis corporações bombeiras do burgo,—Municipais, Porto, Portuenses, Invicta, Cidadinos, Novos Portuenses, Novos Invictas, Novissimos do Porto, etc,—sairam com todo o seu material, estabelecendo agulhetas e piquetes de honra, e a Banda do Asilo do Terço, na sua maxima força orquestral, executou, durante algumas horas, a Marcha Funebre de Chopin e o «Piriloto».

Fala o senhor Marto, da «Rainha das Plugas»

Dentro do seu estabelecimento, o delicadissimo snr. Marta tem um sorriso triste.

—Que querem, meus senhores? A Inveja pode mais do que a Honestidade... Como o meu Bufo atraía farta concorrência á minha loja, os meus colegas mordiam-se... Forjaram um «complot» do qual resultou a morte do bicho ou a desapareição do mesmo.

—Horror!—interrompemos nós, aturados.

—Todas as forças vivas comerciais desta cidade se erguiam contra mim. E, depois duma breve discussão, em que uns optavam pelo rapto do inofensivo insecto noturno e outros achavam preferível matar o bicho, a primeira opinião venceu por uma maioria esmagadora: E o bipede alado desapareceu!

Como foi feito o rapto

As lagrimas embargavam a voz do snr. Marta. A nosso pedido, a Banda do Terço tocou o «Timpanas», e a coragem reapareceu.

—Todas as noites,—proseguiu ele,—às zero horas, o crustaceo nictalope recolhía aos seus aposentos, dentro dum sacco, onde repousava das suas oito horas de trabalho. Na noite do crime, quando o inofensivo anfibio ia a apagar a luz e voltar-se para o outro lado, uma voz doce acordou-o do meio torpor que o invadia: os facinoras tinham adquirido, em parte incerta ou em local vedado a profanos, uma tremenda Bufo,—e o microbio aério não resistiu aos convites quiçá obnoxios dessa femea adoravel!—Mais duas palavras, uma bicada, três arrepiadelas das penas,—e ei-lo, a caminho da liberdade!

O snr. Marta tinha outra vez lágrimas na garganta. Cá fóra, cerca de trinta mil pessoas prosseguiram comentando o doloroso aspecto da vitrine vazia. E as opiniões entrecruzavam-se.

—Se calhar, o bicho era tenro, e comeram-no!

—Aquilo numa sopinha, era canja!

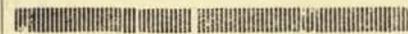
—Bufo? Pois sim! Bufo, bufo, é que ele era! E como era Bufo, foi-se!

—E ninguém deu fé?

—Claro que não, menino. As Bufas nunca fazem ruido ..

A' ultima hora

Consta que o interessante animalejo, que era o encanto dos piões e faniqueiras citadinos, foi contratado pelos nossos queridos amigos Retumba e Romualdo Torres, para se exhibir, *au cachet*, no Palacio de Cristal.



PARA PINTAR REDES
USE A MURALINE
prepara-se em 10 minutos
seca em 10 horas
e dura 10 anos

Casamento de conveniencia

—Anda cá, meu malandrão! Então sempre é verdade o que me disséram?

—O quê, filho?

—Casaste?

—Pois casei.

—Aos cincoenta e três?

—Aos cincoenta e três.

—Tu, casado? Um incorrigível solteirão, abominando a vida doméstica e fugindo das saias como o diabo da cruz,—dar o nó aos cincoenta e três? Hum!... Aqui ha coisa!

—Talvez, meu Joaquim.

—Aos cincoenta e três, só um grande interesse!

—Pois claro!

—Dei no vinte—e assim está tudo justificado...

—E's fino como um coral!

—Vamos lá saber: Casaste porque é mulher de dinheiro, e no fim da vida sabe bem um encostosinho todo em notas de quinhentos...

—Não, meu Joaquim. Minha mulher não tem vintem.

—Ess' agora!

—Nem cinco reis. Veio com o vestido do casamento,—porque o resto do enxoval foi comprado por mim...

—Bom. Mas isso não obsta. Se a cousa não foi o dinheiro...

—Não foi. Juro-te!

—Então já puz o dêdo na ferida. Aos cincoenta e três, sabe muito bem uma franginha tenra...

Acertei?

—Não. Minha mulher fez ontem cincoenta e cinco primaveras.

—Cincoenta e cinco? Livra! Não estás a brincar?

—Não são coisas com que se brinque, meu Joaquim! Minha mulher é pobre, tem cincoenta e cinco anos e...

—E' bonita, ao mênos? Deve sêr, é claro.

—Aos cincoenta e cinco anos não ha mulheres bonitas!

—Mas ha mulheres boas!

—A minha patrão é um espêto, um tudo nada côxa e um poucoquinho gaga! Quanto a bêlsa, filho,—é uma vassoira de saias!

—Mas deve ter bom genio ..

—Livra! E' uma furia,—desconfiada, irrascível, mal-educada...

—Agora é que eu não percebo pata-vina! Pobre, feia, velha, ruim... Porque a quizeste, afinal?

O' filho: Se tu visses como ela cosinha! Ai meu Joaquim! Faz cada petisco, meu amigo!...

FREI SATAN



A's boas donas de casa

O conforto do ménage

Dissemos em um dos numeros passados a forma elegante e higienica de dispôr os moveis na sala de jantar.

Em virtude das felicitações que nos foram endereçadas, incitando-nos a continuar-mos com os nossos conselhos sobre o aformoseamento do lar, inserimos hoje algumas notas dedicadas ás excelentes donas de casa e referentes á disposição e bom gosto do quarto de dormir.

Como deve sêr o nosso quarto de dormir

Para se cumprir á risca os preceitos higienicos, o quarto deve sêr o mais perto possivel do W. C. Assim evita-se o termos de perfumar o quarto por meio do pulverizador da agua de colonia.

A cama de casados deve ser de 2,50 de largura, tendo espaço suficiente para que a sogra possa dormir no meio do casal.

No caso da cama não ter a largura precisa, a sogra pode dormir dentro da mezinha de cabeceira, juntamente com o hospede habitual desse recinto.

Não se usam lavatorios no quarto. Para se fazerem as abluções matutinas, temos a banca da cosinha que é muito espaçosa, servindo até para banho geral, aos sabados, aproveitando-se os residuos da comida e as escamas das sardinhas para friccionar o corpo.

Os colchões das camas devem ser todos os dias esfregados com crioline e á noite meia hora antes de nos deitarmos, mergulhados em agua a fervêr com 50 grammas de enxofre e meio quilo de alcatrão.

Continuam a usar-se os colchões de arame nas camas dos solteiros. Na cama dos casados o arame deve sêr farpado por causa das batalhas que se costumam travar no leito conjugal.

Estão muito em moda os guarda-vestidos de cartão comprimido, com portas de folha de Flandres a substi-

Folhinha da semana

Novembro

17

Terça-feira

Minha querida sobrinha:—O Frio é uma coisa encantadôra, não te parece? Com ele, as almas, embôra distantes ou separadas por qualquer futilidade das convenções sociais, aconchegam-se, deliciosamente friorentas e sedentas de não sei quê...

E' forçoso que chova? Pois muito bem. A noite é grande... Porque não principia a chover depois da 1 da madrugada?—Os noctivagos não gostavam? Paciencia. A verdade é que, depois da uma, só os doidos passeiam, esquecendo a cama, que é parte quente...

Novembro

19

Quinta-feira

Esperedião Nepumucêno Junior, usa óculos de oiro e uma esposa muito bem alimentada. São ambos cinéfilos, e, como tal, não faltam hoje á clássica sessão do «Trindade». —Dizem que, ás vezes, ao lado dela, se senta um primo com uma creança ao colo...

Engatilha-se mais um exito, no «Sá da Bandeira», com o *Doutor da Mula ruça*, pelo Estevão Amarante.—Mais uma sessão do *Cinema do Prolito*, no Palacio, desta vez sem metralhadôras, parece-nos.

Novembro

21

Sabado

Vespera de domingo!—E toda a gente sorri, á espera do dia de amanhã...—Para quê, afinal? Ha lá dia peor que o domingo, meus amigos? Tudo fechado... as ruas sem movimento... As mulheres idem...—Sabado! Vespera de domingo!—E se fôssemos fazer a barba?

O habitual desafio de «foot-ball», o habitual marasmo por essas ruas tristes e lamacentas...—Alguns casos de «gripe» que se declaram. Alguns «papos-sêcos» que se declaram tambem, á saída da missa dos Congregados...

Novembro

23

2.ª feira

Dona Estácia Nunes sempre foi á entrevista solicitada pelo Juca.—Foi e, no fim, preferiu a frase clássica: «E agora o que é que o senhor vai pensar de mim?»—Em casa, o marido não deu fé, achando-a até mais bonita.—Como quer ser mais bonita ainda, volta amanhã ao Juca.

Novembro

18

Quarta-feira

Novembro

20

Sexta-feira

Novembro

22

Domingo

Consultorio psiquico para ambos os sexos

Responderêmos, gentilmente, a todas as consultas que nos sejam feitas, em carta fechada, sobre qualquer doença fisica ou moral, para o que temos á nossa disposição um excelente Medium-Super-Vidente, com dupla-vista e alta singularissima altensão arterial.

D. Micaela:—O seu mal, formosissima matrôna, está, possivelmente, no seu sistema capilar. Mas não desespere, porquanto as Forças de Alem-Tumulo são-lhe propicias. Não use a Gillette. Ha golpes fatais. Experimente a ausencia de agua, deixando apodrecer o bulbo pilôso,—e verá que isso cai sem sêr preciso mexêr-lhe...

E. F. M.:—A sua caligrafia diz-nos que o seu temperamento tem irrascibilidades inopinadas, que o prejudicam.—A R. faz-lhe o que o sr. diz, mas não quer perdê-la? Feche os olhos e convide o primo para todos os passeios...

Moreninha do Codeçal:—Isso não tem importancia! Se o nosso Cunha da Raza a convidar mais uma vez, não ofereça resistencia. A menina, mais cedo ou mais tarde, tinha de experimentar...

Comprida do Palacio:—Bocheche e gargareje.—Para sêr escoteira, peça esclarecimentos nesta redacção ao Marechal-Adail Saraiva.

MADAME KARDEC.

tuirem os vidros. São muito comodos e praticos, podendo-se levar dentro duma mala de viagem, depois de dobrarmos a folha e amolecêrmos o cartão, mastigando-o na boca durante uns cinco minutos.

Para dar uma disposição chic e moderna ao quarto deve colocar-se a cama á entrada da porta, o «toilette» aparafusado no tecto, ao centro, e com lampadas nos puxadores,—e guarda-vestidos fóra da janela para a roupa tomar o fresco.



World Minha Gracça

da *por José* d'artimanha

Os factos mais importantes da semana

Atrêvo-me hoje a apresentar a V. Ex.^{as} alguns d'aqueles pequeninos nadas que fazem a delicia dos nossos olhos ainda enramelados. De manhã quando o jornal nos vizita de mistura com uma chavena de cevada e um pãosinho negro e sem manteiga, contentamo-nos em ler o que se segue e que é afinal aquilo que d'aqui a 50 anos ha-de causar admiração aos nossos tataranetos.

Escolho alguns factos ao acaso.

A guerra na China

E' mentira. Absolutamente fora da verdade. E' certo que nos combates travados nas bordas do rio Noni, os japonezes derrotaram os chinezes, causando-lhes muitas centenas de mortes. E' tambem veridico que o general Ma-Cheng-Sung, declarou guerra ao Japão todo; mas o Ma é tolo, porque o Briand de conserva—está em Genebra como sabem, quer a paz e ha-de tê-la.

No entanto, a agencia Rengo declara que á Mandchuria chegam continuamente contingentes japonezes com aviões, carros de ataque blindados, tankes e mais apetrechos de guerra; e que a cidade de Fitsikas depois de uma violenta lucta em que tornaram a perder a vida outras muitas centenas de creaturas, foi tomada pelos japonezes.

Mas a agencia Rengo deve faltar á verdade porque a Sociedade das Nações anda á volta dos cinco pontos cardeaes para solucionar o pequenissimo conflito diplomatico que transtornou a vida da China e do Japão.

Contudo a Reuter comunica que o ex-imperador Pu- Yi foi eleito sem excepção para á Mandchuria por conta e ordem do Japão; mas tambem não deve ser verdade porque os Estados Unidos ainda se não pronunciavam e a Sociedade das Nações, que é positivamente hoje, uma sociedade limitada e em estado de falencia, liga ainda muito mais importancia á mão de vaca do que á Mandchuria.

E a guerra entre a China e o Japão, meus senhores, não passa d'uma batalha naval d'aquelas do Reporter X.

Noiva abandonada a porta da igreja

Uma correspondencia do numero de quarta-feira ultima, do «Primeiro de Janeiro», conta-nos o seguinte caso picaresco:

Aqui para os lados de baixo, quando um bellissimo par de noivos se dirigia para a igreja a realizar o celebre *consumatum est* que nos liga para todo o sempre a um representante do sexo contrario, teve a pouca sorte de encontrar em frente da porta principal do templo, o chão juncado de hortaliças, como batatas, cenouras, hervas, aboboras etc.

E' claro que se o noivo fosse actor não estranharia o caso, de mais a mais em acto de tanta monta.

Mas ele não era, e por isso estranhou, perguntando á noiva se eram aqueles os confeitos que encomendara para a boda.

Acho que ela disse que não e foram para deante. Ele apreensivo, e ela arrependida de não ter casado de noite. De repente, zaz!

Os olhos do noivo foram cravar-se na porta de igreja, onde mãos criminosas tinham colocado dois apendices de carneiro d'aqueles de trazer á laia de taboleta, muito retorcidos e torueadinhos.

Aqui diz-nos a correspondencia, que o noivo não quiz passar pela porta de armas e abandonou a mulher sósinha no adro da igreja.

Como vêem, este cavalheiro, não tinha o direito de casar; mas tambem não tinha razão para deixar a noiva sósinha.

Se calhar aquilo tambem era como a guerra da China: Tudo mentira. Eu cá no meu fraco entender julgo que só depois de comprovado é que havia o direito de semelhante recuo.

Está-me cá a parecer porem, que os dois ainda hão-de fazer um pacto de

Kelog e só depois é que se romperão as hostilidades se as houver!

* * *

E agora por falar em carneiros: Já repararam n'aquela cabritinho da Carpis que anda á procura de si mesmo da Praça da Liberdade para a rua de Cedeifeita e vice-versa?

Coitado! E' um carro tão pequenino que parece que anda á procura da mãe, e que a taboleta é maior do que ele!

Anda triste, ali pelo meio de todos os outros carros, incaracteristico neuras-tenico, á procura de quem o queira.

Eu cá para mim achava que o melhor meio de locomoção para a Exposição Historica do Vinho do Porto, seria um carro tipico do Porto, com uma pipa atravessada ao meio.

E d'ahi talvez que não fósse mau porque os freguezes não faltariam.

Agora aquele carrito solitario, com um guarda-freio velho e um conductor de lunetas até faz frio vê-lo. Eu confesso que choro quando o vejo. E só tenho pena de não deitar uma *lagrima cristi* cá para fora.

A queda da Libra

Tenho assistido a muitas quedas, e sei tambem d'algumas outras que não digo; mas nunca vi nenhuma tão falada como esta que deu ha pouco o *cavalinho* inglez.

E é triste ver-se assim sem guerreiro atirado ao chão sem esperanças de tornar a erguer-se.

Ao ler as noticias dão-me saudades d'aqueles antigos tempos em que os portuguezes iam mar em fora até á Inglaterra com o D. Fuas Roupinho á frente, a defender a honra ultrajada d'uma duzia de pequenas. N'essa epocha, os cavaleiros, armados de vizeira, lança e escudo, combatiam até morrer, mas enquanto vida havia salvava-se a vizeira e o escudo.

Nestes tempos, não! Cai o cavallo, o cavaleiro e levam consigo o escudo.

Que pena!

Terças e sextas

SESSÕES CINEMATOGRAFICAS
PARA OS NOSSOS LEITORES



Continua na tela da discussão o en-calacrativo problema da lei do inquilinato.

Todas as pessoas de destaque neste jardim da Europa á beira mar plantado com adultos da C. U. F., têm emitido a sua abaladíssima opinião sobre tão transcendente e despejativo assunto.

O «Pirolito», o órgão mais popular da opinião portuguesa, vai também abordar,—percorrendo todas as bordas da lei, desde a Borda d'Água até á Borda Leça,—o tal inquilinato problema que com adubos que leva contra os in-



Art. 8.º—No caso do inquilino se recusar a abandonar o prédio o senhorio pode requisitar um batalhão de metralhadoras.

quilinos, dificilmente poderá suportar o equilíbrio, devendo em breve estatelar-se ao comprido, como qualquer predio-gaiola das modernas construções de Lisboa.

Ouvindo as partes interessadas

O que diz um senhorio

«O que ahí vai, Santo Deus, por causa da lei do inquilinato! E, afinal, vai-se a vêr, a lei, a famosa lei, a combatida lei, ainda é favoravel aos inquilinos.

Nós, senhorios, descontentes com o projecto, vamos em breve protestar junto do ministro e pedir-lhe a aprovação do seguinte projecto de lei:»

A lei do inquilinato

Como a querem os senhorios

Artigo 1.º—O prédio pertence ao senhorio, só ao senhorio e sempre ao senhorio. Mesmo depois de morto, o senhorio pôde desalojar o inquilino e ir viver para o seu prédio.

Artigo 2.º—O senhorio fica desde

FALAM OS MORTOS

já autorizado a aumentar em 50 % as respectivas rendas.

Artigo 3.º—Todas as obras exteriores e interiores são feitas á custa dos inquilinos, mas sob a direcção dos senhorios, que poderão exigir soalhos nos vos, pinturas a Ripolin, fechadura-«Yale», etc., etc.

Paragrafo 1.º—Se o prédio arder por completo, o inquilino terá de construir um edificio perfeitamente igual que ficará sendo propriedade do senhorio.

Artigo 5.º—Os inquilinos podem insialar nos predios a radio-telefonía. Mas esta ficará pertencendo ao senhorio no caso de despejo.

Artigo 6.º—E' proibido aos inquilinos terem nos predios animaes ferozes.

Artigo 7.º—O inquilino pôde ser despedido por falta de pagamento.

Paragrafo 1.º—Mesmo pagando o inquilino pôde ser despedido.

Paragrafo 2.º—Para encurtar razões: O inquilino pôde ser despedido todas as vezes que o senhorio quiser.

Artigo 8.º—No caso do inquilino se recusar a abandonar o prédio, o senhorio poderá requisitar um batalhão de metralhadoras e desalojá-lo por meio da metralha. Os prejuizos ocasionados no prédio serão pagos pelo arrendatario. Se morrer alguém da familia do inquilino, o



Art. 7.º—E' permitido ao senhorio passar pela rua onde tem o prédio, mas a correr.

O CASO DE TODOS OS TEMPOS

O en-calacrativo problema do inquilinato

Inquilinos e senhorios

OUVEM OS VIVOS

Falam os inquilinos

d'Agramante e do Repouso

Despoticamente tem sido posta á margem uma numerosissima classe de inquilinos que devia merecer de nós todos mais carinho e atenção.

Referimo-nos aos simpaticos moradores dos bairros operarios dos cemiterios da cidade áqueles que vivem mortos debaixo da terra e que não gozam de nenhuma das garantias que os outros vantajosamente disfrutam.

O que nos diz um inquilino do outro mundo

O simpatico cadaver—arrendatario falou-nos da seguinte maneira:

«—Nós, os inquilinos cemiteriais, temos sido absolutamente desprezados, não só pelos governos, como tambem pela opinião publica.

Eu falo em nome dos meus colegas humildes, em nome dos que moram nas modestissimas campas que só tem o numero da rua na porta da louza, e vivem no meio da terra como as toupeiras e as minhocas.

Os outros,—aqueles que dentro do nosso bairro, habitam palacios de marmore,

com torredões para verem o mar e caves amplas para terem a garrafeira fresca,— não me interessam, porque são os mesmos agiotas e argentarios que no mundo exterior se encheram á custa da nossa miseria e se locupletaram com o suor do nosso trabalho.

Nós, os das campas razas, os da vala comum, leitores assíduos do «Pirolito», pedimos-lhe encarecidamente que publique no seu semanario o projecto de lei do inquilinato, elaborado por os cadavres—arrendatarios, e enviado ao



Art. 4.º E' permitido ao inquilino tocar piano até altas horas da noite.

governo da ditadura, para que o veja com atenção e o aprove com urgencia».

Projecto de lei

dos cadáveres arrendatarios

Artigo 1.º O contrato de arrendamento é por tempo ilimitado.

Artigo 2.º Ficam terminantemente proibidas as ordens de despejo, acabando assim o abuso de pôrem os ossos do inquilino na rua.

Artigo 3.º O inquilino é obrigado a ir pagar a renda a casa do senhorio.

Artigo 4.º—E' permitido ao inquilino tocar piano até altas horas da noite, excepto no dia de finados.

Artigo 5.º—As reparações e obras interiores e exteriores são feitas á custa do senhorio, menos a pintura das grades.

Artigo 6.º—No caso de despejo por falta de pagamento, o senhorio não pôde penhorar as taboas do caixão nem as corças.

Artigo 7.º—Se o inquilino fôr obrigado a ir depôr no tribunal, pôde só levar a caveira, deixando as tibias na campa, para os pequenos se entreterem.

Artigo 8.º—E' proibido ao inquilino trespassar o jazigo seja a quem fôr que se não apresente com a respectiva certidão d'obito passada pelo senhorio.

senhorio terá direito a exigir uma indemnisação.

A opinião dum inquilino

«As casas não deviam existir. A habitação leva-nos o esforço de todo o nosso trabalho. Eu se fosse ministro da justiça, ordenava imediatamente a demolição de todos os predios que não pertencessem aos inquilinos. O senhorio não tem razão de existir. A propriedade é um roubo! A função do senhorio é trabalhar, conseguir dinheiro para construir casas, e dá-las depois de graça aos desgraçados inquilinos.

Eu e os meus colegas arrendatarios, socios do Grupo dos 20 Amigos «Abaixo os senhorios!» vamos pedir ao governo para aprovar o seguinte projecto da nossa lavra:»

Como a desejam os inquilinos

A lei do inquilinato

Artigo 1.º—O prédio do senhorio é sempre propriedade do inquilino.

REMEDIO EFICAZ

por ALTER-EGO

Qual escrava do senhor,
A mulher do Zé Godinho,
No seu ardente fervor,
Guarda sempre um petisquinho
Pra dar ao seu confessor...

Com meiguices, com amor,
Se algum lencinho bordava,
Lindo, com todo o primor,
Era porque o destinava
De presente ao confessor...

Conforme a quadra, a rigor,
Não dormia co'o marido
No verão, por ter calor,
E no inverno por proibido
Lhe ser pelo confessor...

Esta beata de valor,
Do vinho que recebia
Directo do lavrador,
Mais dum terço repartia
Tambem co'o seu confessor...

Porém, um dia o marido,
Que estava de mau humor,
E andava já aborrecido
Com o abuso repetido,
Da historia do confessor,

Agarra na mulhersinha,
E em pancadinhas de amor
Faz-lhe uma brecha na pinha.
Que a pobre até afocinha
Esquecida do confessor...

Pregou na mulher tal coça,
Como quem dá num tambor,
E, ao dar-lha, dizia em troça,
Em voz de trovão bem grossa:
—Toma! p'ra o teu confessor...

Ela nem sequer gritou,
E o caso é que a lição
De tal modo aproveitou,
Que nunca mais, desde então,
A mulher... se confessou!...



Eu falo em nome dos esqueletos humildes, como representante da vala comum.

PEREZ CASAS

Filarmonico Madrileno

Quarta 25 e Quinta 26. Dois concertos de estucha. Toda a fina flôr da Solfa citadina compareceu á chamada. Pelos camarotes, balcões, plateias e galerias, os «virtuosos» mais virtuosos do burgo, com o talento fóra das orbitas e o aplauso condicional engatilhado. Alguns conspicuos cinéfilos aldegundistas, género «comei-me!», ledores assíduos do *Ahora*, sobraçam um dicionario espanhol-português para a tradução mais perfeita dos trechos que vão ser executados.

Mal velado por um reposteiro, a calva heroica do José de Brito scintila e desaparece como um meteoro. Porteiros e «ouvreuses» preparam-se para uma soneca reparadora enquanto os arcos gémem e os metais buzizam.

Todos os criticos musicais estão a postos. O Conservatorio do Porto alto e largamento representado.

O pano não sobe, porque já está em cima, quando principia o

1.º Concerto

Beethoven visto atravez duma abertura praticada no *Egmont*.—A plateia, que já lhe foi apresentada, aplaude com parcimónia. Que querem? A Economia é a base da riqueza!...

Segue-se a *Bacanal* do nosso bisavô Wagner.

—Porque lhe chamam *bacanal*?— pergunta madame F. ao esposo.

—Filha, que pergunta tóla! Tu não vês que se trata de musica *bacána*?

Mais Wagner, os *Mestres Cantôres*, dedicado aos Orfeões cá da cidade. Raul Casimiro, Afonso Velentim Henrique Salgado e Filinto Nina agradecem.

Uma pausa, para chupar um cigarro —e mestre Franck surge, lento, muito lento, alegre non troppo... Três capitulos de solfa que cai bem no estomago, e outra pausa.

Têmos agora a *Kovantchina*.—Madame F. julga que se trata de musica chinêza e olha para o marido, procurando-lhe o rabicho de mandarim de duas caudas.

O *Adagio* de Lekem, como ninguem ainda o ouvira,—crêmos que nem a própria orquestra,—agrada imenso. Parece musica galêga, porque é toda executada a pau... e corda. Para fechar, *El Sombrero de tres Picos*, de Fala. O publico perde a fala—e aplaude delirantemente.—Perez Casas agradece em ré menor num movimento sfugato, assim como não quer a coisa, e conta as pessoas que pagaram para lhe ouvir a orquestra...

Será verdade?!?!

O mais grandioso concurso dos ultimos tempos

Qual é o maior parlapatão de Portugal e Algarves?

Quem meterá o maior palão?

Chegando até nós mais de quatro dezenas de palões, batendo todos a mesma tecla do homem alto, do homem muito gordo, dos casos da *minha terra*.

Mudem de disco, por favor. E' quasi assim que o «Pirolito» gosta, mas queremos mais originalidade.

Viva a imaginação, o ineditismo. Repetimos mais uma vez as condições do concurso:

Todas as semanas os nossos queridos e sempre amados leitores poderão enviar-nos, em prosa que não exceda 20 linhas do nosso corpo 10, um autentico palão.

Dos palões recebidos semanalmente, os quatro melhores serão publicados nas colunas deste jornal, pela ordem da sua classificação.

Ao primeiro classificado serão atribuidos 4 pontos, ao segundo 3 ao terceiro 2 e ao quarto 1.

No fim de quatro numeros, ao leitor que tiver obtido maior numero de pontos será conferido o diploma de *parlapatão-mór* e receberá um prémio condigno da sua alta hierarquia.

O segundo classificado terá o honroso titulo de *parlapatão de 1.ª classe*, com direito ao premio respectivo.

Serão parlapatões de 2.ª e 3.ª classe, respectivamente o 3.º e 4.º classificados, que receberão tambem valiosos premios.

Avisamos, desde já os concorrentes que os palões duma semana não servem para a outra.

As decisões do jury são irrevogaveis.

Os palões

Entre amigos.

Dizia um: Havia na minha terra uma batata tão grande, tão grande que para a arrancar do campo, foram precisos cinco mil soldados de metralhadoras.

Resposta do outro: Pois na minha terra havia ainda uma maior; era tão grande, tão grande, que sustentou durante três meses os cinco mil soldados e as metralhadoras.

SERRANOFF

Numa reunião de amigos. Dizia um: Eu conheço um rapaz tão fininho, tão fininho, tão fininho, que quando ele entra numa sala, para a gente dar por ele, tem de entrar duas vezes.

BACANO

Dois fogueteiros falando dos seus produtos, dizia um:

Os meus foguetes são tão bons, e sobem tão alto, que só passados oito dias é que caem as canas!!!

Pois os meus são bem melhores. Noutro dia deitei uns, e passado poucas horas recebi o seguinte telegrama. Ceu—Cautela com os foguetes—S. Pedro.

ALDRABÃO

A amizade do Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa é tão grande, que quando está frio o Barbosa empresta o cabelo ao Arnaldo e quando está calor o Arnaldo empresta a carêca ao Barbosa.

D'AMALAN JUNIOR

A classificação actual

Bacano	6 pontos
Aldrabão	4 »
Fanfan la Tulipe	4 »
Serranoff	4 »
E. Maldeida	1 »
d'Amalan Junior	1 »

2.º Concerto

O concerto abre por uma abertura. O velho *Ruy Blas* está cada vez mais móço, louvado seja Deus!

A *Oração do Toureiro*, em 1.ª audição de Turina.—Musica descritiva: a plateia vê o miuro, sente as marradas, adivinha a enfermaria, ouve os gritos de «mas caballos!»—e aplaude.

Tristão e Isolda. Antes do terceiro acto, os dois pombinhos preludiam poucas vergonhas...

Segue a *Sinfonia Renana*, de Schumann, que já conheciamos de vista. E' a n.º 3 do Catalogo, op. 97, e perpreta-se em mi b.—Cinco tempos. Cinco ovações.

Para fechar com chave de ouro, *Pini di Roma*, em primeira mão: Pini della villa Borghese, pini presso uma catacomba, pini del gianicolo, pini della via Appia...

Madame F. repona:

—Falta um!

—?

—Então não vês, filho? Falta a Pini-Menichelli!

Perez Casas, insigne e aplaudido, com a mão na comovida bôca do estomago, agradece. A calva integérrima do Brito sorri. O Pontifice musical Honorio de Lima vai para casa consultar as partituras executadas...

MAESTRO FON.



Póde ser curto ou comprido
Pode ser peludo ou liso,
E ha senhora que o deseja
Só do tamanho preciso.

Eu conheço um bom velhote
Com o seu sempre dobrado,
Mas se tem certas visitas,
Logo o põe... todo estirado!

O meu, p'rá minha creada
E' um passa-tempo excelente;
Quando entra .o meu quarto
Pega-lhe sempre contente.

Claro que faz o serviço
Mas como o veja peludo,
Dá-lhe tantos abandonos
Que ele larga mesmo tudo!

Esta palavra, leitor
As sete letras tem só,
Começa em **C** e num **A**
E termina em **H O**.

VIMAR.

Decifração do enigma anterior:

Lapiseira

Mataram-no:—Negruras, João das Crastas, Constante, Melin-chá-ché, Sevedulio, Poeta Chalado, Sol Maior, Bacano, Atir, Benmel, Brancuras, Ferpernam, Gungunhana, Fanfan la Tulipe.

A Joana do Pencudo
Apanhou susto graúdo
Ao ver um lapis no leito.
Mas ouçam:—quem tal dissera!—
Da sua *lapiseira* era,
Por ser redonda... e direita...

KATO

Em rapaz, eu desenhei,
C'uma linda *lapiseira*
Bonecos e mamarrachos;
E ridicularisei
Os que faziam asneira
Como fazem os borrachos.

Mas quando me julguei «az»
A pintar *de cabo a rabo*...
Minhas contas dei por saldas.
Agora só sou capaz
De ainda *pintar o diabo*,
Talvez melhor que o Cruz Caldas...

RIXAS



De Cima da Burra Está-se muito bem á sombra!...

Caríssimos e muito amados ouvintes:
E' muito vulgar a gente lér nos jornaes, a respeito dos honestos cidadãos diariamente a contas com a policia:—foi preso, Fulano de Tal que já conta trinta prisões; Beltrano que conta cincoenta. Isto, por vários delitos, é um nunca acabar!

Quer dizer: dão-se muito bem ali em cima, na *Casa das três esquinas*, eternamente á sombra! Pois eu tambem conheci um bellissimo cidadão, de bons costumes, que, tendo caído na mão dos juizes, por um delicto insignificante, deu entrada na cadeia a cumprir a curta pena da lei, mas, quando de lá saiu, retirou-se com fundas saudades...

Por causad uma bouça de mato. Oicam bem esta historia

Era duma vez um pobre homem, Tobias Zacarias, lavrador muito acreditado na sua aldeia de *Levar Dentro*, e que teve seus dares e tomares com um seu visinho antigo amigo e compadre, ao qual havia comprado uma bouça de mato, com pinheiros, e cujas confrontações não teem importancia para o caso.

Depois de efetuada a compra, e depois de Tobias Zacarias ter pago ao es-

tado os direitos de transmissão, de registar a escritura e satisfazer, enfim, a todas as formalidades legais, meteu-se a construir um muro de vedação, o que lhe foi impedido pelo dono de um pré-dio confinante.

Bem argumentava o Zacarias com a sua escritura de compra. Porém, o visinho não admitia razões de espécie alguma. Não consentia na construção do muro. Pronto.

Depois de uma boa hora de discussão,—palavra puxa palavra—o Zacarias, desesperado com o procedimento do visinho—Zás!—desata á bordoadada no seu contendor.

Uma cabeça rachada, costida a pontos naturais. O Zacarias processado e metido na cadeia.

Resultou da contenda um processo contra o comprador da bouça, o qual foi condenado a trinta dias de cadeia não remíveis, custas e selos do processo.

Muito triste e abatido, e até já bastante arrependido de ter quebrado a cabeça ao visinho, o Tobias Zacarias lá foi passar o tempo, que o juiz lhe tinha imposto na sentença, engaiolado, metido entre tanta gente duvidosa que ele não conhecia.

Apesar de possuir alguns bens de fortuna, passava mal, não comendo senão o misero caldo que a Santa Casa de Levar Dentro lhe fornecia e aos seus companheiros de prisão.

A' hora da libertação. A ordem de soltura, a liberdade! A saude!

O que é muito curioso é o que os meus caros ouvintes vão vêr:—Apesar do seu grande arrependimento, o Tobias Zacarias deitava um odio verde ao visinho, o que o obrigou, quando acabou de cumprir a pena, á hora em que o carcereiro lhe abriu as aldrabas da liberdade, a dizer aos companheiros de cativo:

—Pois, meus amigos... não tratam muito mal a gente aqui: parece-me que ainda cá volto brevemente... Está-se muito bem á sombra!...



—Vêem muitos turistas aqui?
—Não. Nesta estação nunca nos costumam maçar.

TRIGUEIRICIMUS.





... E segue a fita

As casas produtoras

AS casas manipuladoras das películas de celuloide e de outras materias intlamaveis, multiplicam-se dia a dia.

Tinhamos a «Paramount», a «Metro», a «Ufa», a «RKO-Radio», a «Fox», a «Atlas», a «Portugal» e mais fabricas de calçado, aptas a realisarem super-produções com duas solas, gaspeas de camurça e tacões de borracha, proprias para a estação invérnosa.

Agora, porém, surgem novas firmas produtoras, que vêm resolvidas a transformarem radicalmente todas os processos até agora usados, desde o processo do rasga ao do Angola e Metropole.

Uma dessas novas casas chama-se... chama-se... sabem. Nada mais, nada menos: *Osso!*

Os filmes da «Osso»

As super-produções da «Osso» estão destinadas a um successo invulgar.

Os filmes são realisados dentro dos cemiterios e dirigidos pelo habil encenador Caveira de Burro.

Já estão pronto diversos trabalhos, entre eles os seguintes:

—«*As tibias e o fémur*»—«*Ossadas em jazigo de familia*»—«*Ossos de galinha*»—«*Carne com osso*»—«*Carga de ossos*», etc., etc.

Todas estas fitas são dedicadas aos cães, sendo no fim das sessões as películas distribuidas aos pedaços pela assistencia, como aperitivo para uma caneca do rascante.

As biografias dos Azes e das Azas

Este John é inglez, como todos os Johns filhos de John Bull e da loira Albion.

Nasceu em Cardiff dentro duma saca de carvão e encostado a uma rima de carqueja.

Com grandes propensões para radiofilo e tuberculoso, entregou-se desde creança a manipular sanatórios proprios

para parasitas da T. S. F., vindo a ocupar um lugar de destaque na banda da Guarda Municipal, dirigida pelo maestro Fão, Espozende e Viana do Castelo.

Um belo dia de Agosto, tendo sido convidado para um passeio ás hortas, encontrou-se com o celebre Fritz Lang, na mesma taberna, onde iam provar a agua-pé, sendo nessa ocasião que Barrymore sentiu despertar dentro dele a chama da paixão fotogenica.

Para melhor lhe cascarem na agua-pé resolveram Fritz Lang e John Barrymore, mandar arranjar um leitãozinho assado no espeto e servido em alguidares de barro.



JOHN BARRYMORE

E foi com o cheiro desse leitão e desse barro, que John Barrymore se fez estrela da pantalha.

John Barrymore, ou seja em portuguez João Burromór, é casado em quartas nupcias com a celebre vedeta Joana Jericamór.

As vozes dos Artistas

Ninguém tinha ouvido a voz dos Aze e das Estrelas fotogenicas, até á aparição de Sua Ex.^a o Sonoro.

Todas as cinéfilas olheirentas, frio-

rentas e macilentas desejavam anciosas, e febris ouvir a voz do Novarro, do Harold, ou do Antonio Morêno.

E os cinefilosinhos, papos-sêcos, adamos e anfibios, esperavam, igualmente anciosos, poderem exaltar as encantadoras e roufenhas vozes das Damitas, das Claras e das Lilianas.

Sabendo isto, os emprezarios dos Cines—para fazerem reclamo á mercaderia e despertarem o interesse nos cinéfilos de ambos os sexos,—quando estreiam um fonofilme, em que pela primeira vez entra um «az ou uma «aza», anunciam sempre, rufando forte no bombo da publicidade:

A voz de Harold Lloyd! Pela primeira vez!

Venham ouvir a Laura la Plante! Pela primeira vez: A voz de Anita Page!

Ora, ha duas semanas, os jornaes do Porto, anunciavam aos tripeiros assombrados e boquiabertos, nada mais nada menos do que:

A voz da Greta

Ficamos estarecidos!

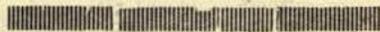
A voz da Greta? Mas—com seiscentos diabos! então a Grêta fala?!

Fala, sim, carissimos leitores. Nós, que estamos aqui vivinhos e são, ouvimo-la deliciados durante a exhibição do «Romance».

Foi para nós uma surpresa! Nunca imaginamos que a Grêta falasse e cantasse.

Sabemos ha muito que tem um visinho que canta na perfeição, mas ela... palavra d'honra que...

CINE-CALVO



Terças e sextas

SESSÕES CINEMATOGRAFICAS

PARA OS NOSSOS LEITORES



PECAS de TIRO RÁPIDO

ACTO 1.º

Em casa de madame X

MADAME

Já a chamei, Madanela, umas seis ou sete vezes!

MADANELA

E' que eu estava á janela á espera do Menêzes!

MADAME

O Menezes? Ess'agora! E vem-m'o dizer assim?

MADANELA

Eu bem sei que é da senhora, mas tambem se faz p'ra mim!

MADAME

Quando do quarto sair o Ruy, d'aqui a bocado...

MADANELA

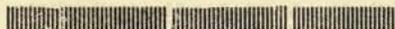
Escusa de o afligir! O senhor está a dormir... Passou a noite agitado!

MADAME

Não sei o que me contem! Chamásse-me, pois então?

MADANELA

Madame estava tão bem a dormir com o João...



Impermeáveis para a chuva e para o frio

39, Cancela Velha - Porto

MADANELA UMA SUA CRIADA

Peça de maus costumes em três actos,
original do autor que a escreveu

PERSONAGENS: Madanela—Madame X—Dona F.—Mlle. Z.

ACTO 2.º

Em casa de Don. F.

DONA F.

Porque é que saíu da casa onde estava, Madanela?

MADANELA

A senhora era uma brava, e eu não podia com ela! .. o patrão, era um sujeito que nunca estava contente...

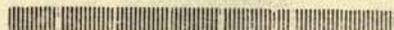
Arranjei queixa de peito por aturar o Clemente, o môco de estrebaria .. A menina Margarida a todas as horas q'ria que lhe apertasse a barriga, a vêr se assim não se via a obra do primo Zeca... Cujo primo, era uma séca: Sempre, sempre atrás de mim... Dizia ser p'ra bom fim, mas o fim... conheço-o eu!

DONA F.

Pois, menina, agora... eu... sim... Tenho um primo... o Zebedeu...

MADANELA

Madame: Eu cá não vou n'isso! O lugar, senhora, engeito, pois se é p'ra todo o serviço, não posso... 'Stou mal do peito!



Teatros e Cinemas

SA' DA BANDEIRA—A opereta em três actos, O DR. DA MULA RUSSA
AGUIA d'OURO—Films sonoros de grande successo.
OLÍMPIA—Films sonoros de sensação.
TRINDADE—Films sonoros de grande atracção.
PALACIO—A's terças e sextas, sessões do «Pirolito» e «Sporring»
BATALHA—Exibição de belos films sonoros.

ACTO 3.º

Em casa de Made-
moiselle Z.

MADANELA

O que é que eu tenho a fazer? MADEMOISELLE Z.

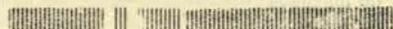
Escute: Vou-lhe dizer. A's dez vem o Nicolau. A's onze, quando este sai, entra o senhor Vescelau. Este vai-se, e entra o pai.

Ao meio dia, entra o Lucas.

Sai o Lucas, entra o Zeca, que tem maneiras malucas mas avesa muito tecca. A's catorze, com certesa, entra Jorge, o quintanista. Sai Jorge e entra o Bélsa. A's quatro, vem o sacrista. A's cinco, entra o Batista. Sai o Batista, entra o João...

MADANELA

E' muito, o serviço! Embora! Acho a casa engraçadinha... Se quizer, minha senhora, eu deito-lhe uma mãosinha!





Após o enorme êxito de *O Padre Cura*,—peça dumã sã filosofia e cuja teze fez congeminções macabras em alguns cerebros de criticos escandinavos,—*O Doutor da Mula Ruça* tem batido—até á hora do nosso jornal entrar na maquina, o «record» das enchentes e dos aplausos.

Avidas da nossa opinião, ha muitas familias que, se ainda lá não foram, é porque a aguardam no «Pirolito». Ela ahi vai, portanto, mais uma vez.

A PEÇA

A obra é uma formidavel «charge» aos medicos especialistas de doenças obnoxias, que vulgarmente se adquirem, por contacto directo ou preparação simpatica, nas prostibuladas ou nas creadas de servir que se desempregaram por abuso da autoridade do menino da casa.

De resto, essa explicação era desnecessaria: o titulo diz tudo.

A acção decorre na Russia; mas, para disfarçar e evitar o «controle» das novas autoridades que receiam o Comunismo por causa do Amôr livre e alodial,—os traductores escreveram «ruça» com «ç», seguindo o exemplo da palavra «açucar»...

Cinco medicos resolvem tratar o João Silva que sofre duma oftalmia purulenta nos sovacos, adquirida por permuta de hálitos com uma costureira de ponto muitissimo aberto. Os doutores Amarante e Assis,—este ultimo, especializado no Conservatorio em doenças de ingénuos dramaticos,—querem operar o João, antes do dia do pagamento da quinzena corrente. Mas o Seixas Pereira,—um dos primeiros tacticos na Batalha Naval do Reporter X,—surge, a Amelinha não quer que o seu homem se deite a perder, e a teze aparece, numa interrogação fulgurante e tremendamente esmagadora:—«Sendo ruça, embora com «ç», a dita deve ser lancetada ou deixar obrar a Natureza?»

E os medicos, na plateia e pelos camarotes, ensimesmam-se, deixando essa interrogação flutuar, sem um diagnostico definitivo nem um prognostico fulminante...

Primeiras Representações O DR. DA MULA RUÇA

Vaudeville adaptado por Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, musica de Venceslau Pinto, representado pela Companhia Estevão Amarante no Teatro Sá da Bandeira.

O DESEMPENHO

Amarante é duma sobriedade encantadora, tendo a sua interpretação, nas passagens mais dificeis da peça, atingido, por vezes, as culminancias dum Novelli, no jogo fisionomico da calva, na mobilidade dos oculos e na expressão das mãos.



Em carne e osso



Encontram-me V. Ex.^{as}
Ainda menino e moço

NA

A' PORTUGUEZA

Manteigaria e Salsicharia

Rua Formosa, 208—Telefone 5459

Amelia Pereira, num papel de responsabilidade psicológica, vence em toda a linha.—Clara Batista—actualmente a nossa paixão, em vista do desprezo desolador que a Deolindissima nos cuspiu na face glabra,—aparece-nos muito feia. O papel a isso a obriga, mas não é justo torturar-nos a alma vedando a nossos olhos o que é bom... —Deolindissima, entra com uma pistola e vai-

se despir para o camarim, sempre indifferente e cruel... oh! Cruz! Dona Irene, um «biscuit», que nós traduziríamos por «biscoito», ao chá das cinco.—Fernandinha, Lucia de Lamcrmoor, Maria Pinto e Maria Emilia, em todas as suas scenas tragicas, bem, muito obrigado.

O nosso Assis Pacheco, cumprindo as disposições de todos os Meştres da Arte de Representar, desde Coquelin a Duval, Coyer, Camper, Pierit, Aubert, Sedine, Maligny, Mallemon, Barlet, Carlos Santos e Antonio Pinheiro.

Alves da Costa e Seixas Pereira, dramatisando excelentemente todas as «nuances» dos seus papeis.—Pereira, Santos, Azambuja e Moraes, simplesmente encantadores.

A MUSICA

Venceslau continua na vanguarda de todos os compositores russos. E traduzida pelo Pinto, a musica não perdeu nenhuma das suas qualidades inefaveis, antes ganhou, no orgão do Lopes Filho, um sabor eclesiastico que o livra das garras do Burguez a quem o Papão russo apavora.

O PUBLICO

Apareceu em grande numero, disputando a murro os logares do rez do chão, do primeiro e do segundo andar.

A meia noite, a nova lei do inquilinato pô-los todos na rua com a condição de lá irem no dia seguinte mediante pagamento de nova renda de casa.

O HOMEM DOS ÓCULOS





PRIMAS & BORDÕES

Um prémio unico de mil escudos

A quem se classificar em primeiro lugar quatro vezes seguidas ou seis alternadas

Continuamos a receber dezenas de Glosas que não satisfazem ás condições métricas de toda a décima que se preza.

Muita atenção, poetas amigos, quando não o conto de reis passa por vós sem vos tocar.

E' a nossa amizade que vos fala. Seja para A ou para B o Kilo tem que marchar. Mas só vai, tenham disso a certeza, para quem o merecer.

Portanto, mais uma vez, muita atenção na manufactura das poesias.

Para o Mote

*Se tens medo dos fantasmas,
Não passes á minha porta.*

Recebemos as seguintes

GLOSAS:

Não havendo protoplasmas
Não pode haver vida—eu creio
Porque tens então receio?!
*Se tens medo dos fantasmas,
Não cures com cataplasmas
Essa tua mente torta,
Que julga ver uma morta
A' meia noite á janela!!!
Se tens medo, tem cautela...
Não passes á minha porta.*

VALEMO

Quando deitas cataplasmas
Nas minhas coxas róiças
Logo o meu «trio» cobiças...
*Se tens medo dos fantasmas,
P'ra que olhas, .. para quo pasmes?..
Já te disse lá na horta,
Meu querido, que ando morta
Por o «fantástico» gramar...
No dia que m'o queiras dar
Não passes á minha porta.*

SEPOL

Por qualquer coisa tu pasmas,
Tens desarranjo na «tola»,
Vai comprar uma pistola
*Se tens medo dos fantasmas,
Tremeste ontem ao ver miasmas
Na terra onde há gente morta,
Hoje ninguém te conforta,
Nem dormes quando te deitas.
Se não queres bater maleitas
Não passes á minha porta.*

GTAND PETIT

Digo-to sem cataplasmas,
Porque estou falando a sério,
Não passes ao cemiterio
Se tens medo dos fantasmas.
Pois no campo de miasmas,
Certo rumor se comporta
De noite, por hora morta
Por isso amigo João,
Se tens medo do papão
Não passes á minha porta.

F. CASTRO

ZEPHYRO

Só tratas de cataplasmas,
De rezas, de bruxaria;
Ignoro se é mania,
Se tens medo dos fantasmas.
Quando vês um coxo, pasmas,
Vês um padre, «vai-te torta»,
Ficas quasi como morta
Se lobrigas um corcunda;
Com essa scisma, Raimunda.
Não passes á minha porta.

ZÉMÉLOFF

Quando souberes até pasmas,
Sou já um espectro... Morri! ..
Não venhas ver-me, Lili,
Se tens medo dos fantasmas!
Os credores são uns miasmas,
Que a minh'alma não suporta.
Estou enterrado na horta
Do *Cameira*, meu amor,
Portanto, arranja outro «andor»,
Não passes á minha porta.

MANGERICO

Tu com qualquer coisa pasmas,
Dás, para as almas esmola,
E's um grande cagarola
Se tens medo dos fantasmas.
Os efluvios—miasmas!
D'uma creatura morta
E' um mal que te recorta
A saude, a vida, enfim,
Se continuares assim
Não passes á minha porta.

CHADOAM

REPORTER XIÇA

Como por tudo tu pasmas!
E vês em tudo um misierio,
Não passes ao cemiterio,
Se tens medo dos fantasmas!...
Quanto a mim, só os miasmas
Metem medo, isto me importa,
Porque vejo a coisa torta
Se febril eu fico então!...
Sendo assim, por precaução,
Não passes á minha porta!!

Eu sei bem que tu não pasmas
Que és forte, caro Tonécas,
Mas que sujas as cuécas,
Se tens medo dos fantasmas...
Com os malditos miasmas,
A minha sogra está morta.
Tu dizes: «pouco m'importa,
Este fantasma sem brio»...
Não queiras ficar sem pio...
Não passes á minha porta.

JOÃO DAS CRASTAS

Se lá tens rimas tu traz-mas,
Eu quera entrar no concurso.
Vens fazer figura d'urso
Se tens medo dos fantasmas.
Mil escudos!!! Até pasmas
Porque o prémio não aborta!
Mas se a coisa me sai torta
Qõe-te ao fresco num instante
E vai p'ra muito distante
Não passes á minha porta.

NÉZINHO

Meu amor: que visões pasmas
No teu cerebro medroso
Quando eu entro silencioso?
Se tens medo dos fantasmas,
Se tanto gemes e pasmas,
Que desmais como morta;
Porque dizes te conforta
O sentires a minha entrada?!
Se não ficas consolada,
Não passes á minha porta.

Mote a concurso

O pardal da prima Alice
Bateu azas no voou



A Trincheira "SLAV"

E' pela sua elegancia, o casaco de
agasalho e impermeavel necessario
===== para o inverno =====

III
10% mais cara que as outras marcas
100 | mais duravel que todas as outras
III

CASACOS DE COURO — GABARDINES

Peçam catalogos para "SLAV"

39, Cancellavelha -- PORTO

Sola Ingastavel

BROCKMAN

(em envelope de côr)

Impermeavel

leve, elegante

não escorrega

Aplica-se sem ferra-
menta e sem apren-
— disagem —

R' venda em todas as casas

Concessionario: 39, Cancellavelha--Porto

